

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA AULA DE ESPANHOL:  
¿COMPRENDÉS VOS? ¿COMPRENDÉIS VOSOTROS?

Louise Silva do PINHO<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho pretende discutir a importância de respeitar e abordar a variação linguística na aula de espanhol no Brasil. A ênfase serão pronomes de segunda pessoa *vos*, *tú* e *vosotros*, que possuem um uso diverso nas regiões onde o idioma é falado e interferem diretamente na relação estabelecida entre locutor e interlocutor. Também trataremos sobre a forma como esses pronomes podem ser inseridos na sala de aula de aula, sem que um se sobreponha ao outro e sem prejuízos para o aluno.

**Palavras-chave:** variação linguística, pronomes, espanhol.

O Espanhol possui atualmente mais de 495 milhões de falantes ao redor do mundo, seja como língua materna, língua estrangeira ou segunda língua, de acordo com dados do Instituto Cervantes (2012), e esse número tende a aumentar devido ao grande número de estudantes desse idioma. Depois do inglês, é a língua mais usada para comunicação internacional, é falada em 41 países como língua oficial ou coexistindo com outras línguas e é uma das seis línguas oficiais da ONU.

Devido ao fato de ter falantes em todos os continentes, por fazer parte de culturas diversas e por dividir o espaço com outras línguas, há muitas variações linguísticas do Espanhol no mundo, em todos os níveis da língua. Essas variações são motivadas por fatores extralinguísticos, como os sociais, históricos, geográficos, políticos e econômicos. Alguns dialetos, como o moçárabe, na Península Ibérica, e o portunhol, na fronteira do Brasil com

---

<sup>1</sup> Mestrado Profissional em Ensino de Línguas da Universidade Federal do Pampa – Unipampa, Bagé – RS, Brasil. E-mail: louisepinho0@gmail.com

países hispano-americanos, são constituídos pelo encontro do espanhol com outras línguas em regiões de fronteiras e também há variantes dentro deles.

Usamos o termo “dialeto” neste trabalho na mesma concepção de Peter Trudgill, que diz que “the term dialect refers, strictly speaking, to differences between kinds of language which are differences of vocabulary and grammars as well as pronunciation” (Trudgill, 1974, p. 17)<sup>2</sup>. Esse termo pode ser usado para tratar de todas as variantes de um idioma, tanto padrão quanto não-padrão, tanto formal quanto informal. Língua e dialeto não são conceitos estanques e possuem uma estreita relação. Ainda de acordo com Trudgill (1974), podemos dizer que quando duas pessoas não se entendem, falam línguas diferentes, quando conseguem se entender, falam dialetos da mesma língua. Porém, esse não é o critério mais importante. Devemos considerar também fatores políticos e culturais, como a autonomia e a heteronomia. Seguindo essa linha, o espanhol é uma língua porque é autônomo, independente, padronizado e tem vida própria. Já os dialetos são heterônomos, não padronizados e reconhecem o espanhol como língua padrão. Porém, diante do mosaico linguístico que configura esse idioma, fica a pergunta: o que é o espanhol?

Em muitos estudos sobre o ensino de espanhol é feita uma separação entre “Espanhol de Europa” e “Espanhol de América”, para discutir qual Espanhol devemos ensinar aos alunos, como se fossem duas grandes unidades. Günther Haensch (2001) justifica essa divisão em função da grande diferença que existe entre o espanhol americano e o europeu, mesmo que dentro de cada um desses grandes grupos também existam muitas variações.

Puedo afirmar, después de 26 años de estudios del español de América, que las diferencias entre el español peninsular y el americano son mucho más numerosas y profundas desde una perspectiva sincrónica de lo que creen la mayoría de los españoles e incluso algunos lingüistas españoles. También son mayores las diferencias que existen entre las distintas áreas lingüísticas de Hispanoamérica de lo que piensan muchos. (...) Ello no impide que todas las variantes del español, tanto las europeas como las americanas, pertenezcan a un sistema lingüístico común, el español. (Haensch, 2001, p. 68-69)

---

<sup>2</sup> Opto por não traduzir citações em línguas estrangeiras modernas.

Diante de um cenário linguístico tão heterogêneo, é natural que o professor de espanhol se questione sobre qual (ou quais) dialeto(s) do espanhol deve ensinar. Para responder a essa pergunta, é necessário saber, primeiramente, qual a concepção de língua do professor. Se pensarmos no método comunicativo, no qual a língua é estudada de forma global, como um processo que propicia a comunicação interpessoal, como discurso e desde a perspectiva do uso, de acordo com Sánchez (2009), as escolhas linguísticas do professor devem ter como objetivo permitir que o aluno se comunique em espanhol em qualquer lugar, com qualquer pessoa falante de espanhol<sup>3</sup>. Afinal, não teria sentido um curso que capacitasse o aluno a falar o idioma somente na Espanha, somente na Argentina, ou somente no Paraguai (e mesmo assim seria necessário falar de variação linguística e dos vários dialetos que podem ser encontrados nesses países).

A variedade que encontramos nos materiais didáticos é a formal e, predominantemente, espanhola, de Madrid. Podemos dizer que essa é a variante *standard*, ou seja, a variante padrão, usada nas instituições de ensino e em contextos formais, de acordo com Trudgill (1974). Porém, não podemos dizer que essa variante é a única *standard* na língua espanhola. Também há a variante padrão na Argentina, que é diferente dessa, no Uruguai, no México e em cada país onde se fala espanhol. Algumas dessas variantes já estão em livros didáticos, como o Aula del Sur<sup>4</sup> e o Voces del Sur – Español de hoy<sup>5</sup>, que apresentam o dialeto padrão do espanhol falado em algumas regiões da América, não apenas como apêndice ou curiosidade, mas em todas as atividades propostas.

Então, mesmo que em uma aula de língua seja esperado que o professor ensine o dialeto padrão, o que fazer quando há vários dialetos padrão de uma mesma língua, neste

---

<sup>3</sup> Acrescentamos que, quando falamos em comunicação neste trabalho, estamos nos referindo não apenas a trocas orais face a face, mas às quatro habilidades linguísticas que o sujeito deve desenvolver para comunicar-se: oralidade, escrita, compreensão auditiva, compreensão leitora.

<sup>4</sup> COPAS, J.; GARCÍA, E.; GARMENDIA, A.; KOSEL, C.; SORIANO, C.; TONNELIER, B. Aula del Sur. (4 vol.) Buenos Aires: Voces del Sur, 2011.

<sup>5</sup> AUTIERI, B.; GASSÓ, M. J.; MALAMUD, E.; MOSCONI, L.; PREVE, P. Voces del Sur – Español de hoy. Buenos Aires: Voces del Sur, 2006.

caso, o espanhol? É essa a pergunta que nos move neste trabalho e sobre a qual refletiremos. Neste ensaio, nosso foco será voltado a um aspecto da variação linguística em espanhol: os pronomes pessoais de segunda pessoa no singular e no plural (*tú, usted, vos*, no singular, *vosotros e ustedes* no plural).

Observando livros didáticos de espanhol, materiais usados nas instituições de ensino e que, portanto, apresentam o dialeto *standard* da língua, percebemos que, enquanto alguns ignoram a existência do voseo<sup>6</sup>, o uso de *vos* para segunda pessoa do singular, em outros ele é dominante. Porém, na maioria dos livros, o uso de *vosotros* é mais frequente.

Nos livros Voces del Sur (2006) e Aula del Sur (2011), o voseo é predominante nas atividades e nos diálogos. Porém, nos apêndices sobre verbos, onde o aluno pode consultar a conjugação verbal, estão disponíveis todas as pessoas (*tú, vos, usted, vosotros e ustedes*). Na gramática de Adrián Fanjul (2005), Gramática y práctica de español para brasileños, na unidade dedicada aos pronomes sujeito (unidade 5) a conjugação dos verbos *ser* e *estar* é feita em *tú, usted, vosotros e ustedes*, mas a variante *vos* aparece somente em uma nota ao fim da página. O estudante que usa esse material só verá o funcionamento desse pronome na unidade 83, apartado dos outros todos. No livro Síntesis (2011) o pronome *vos* está incluído na unidade que trata dos pronomes pessoais, mas também apartado dos outros pronomes, em um anexo do capítulo, com apenas uma página explicando seu funcionamento e um exercício. Todos os outros pronomes, inclusive *vosotros*, aparecem com frequência nas atividades e textos. Já nos livros Español Lengua Viva (2007), Punto final (1997), Hacia el español (2004)

---

<sup>6</sup> O voseo é um fenômeno linguístico que ocorre em algumas regiões da América Latina, principalmente na zona do Rio da Prata e na América Central, de acordo com Conceição Pinto (2007), que consiste no uso de *vos* para a segunda pessoa do singular. Para esse mesmo autor, existem três tipos de voseo, “A) *pronominal* — sólo el pronombre sufre cambios; B) *verbal* — sólo el verbo sufre cambios; C) *pronominal y verbal* — tanto verbo como pronombre sufren cambios. El tipo de voseo va a variar de acuerdo con la zona lingüística” (Conceição Pinto, 2007, p. 36). A conjugação do verbo, em geral, é feita a partir da segunda pessoa do plural (*vosotros*) modificada no presente do indicativo, do subjuntivo e no modo imperativo. Em todos os outros tempos e modos se conjuga como segunda pessoa do singular (*tú*). Exemplos: *tú cantas, vos cantás* (presente de indicativo), *canta tú, cantá vos* (imperativo), *tú cantes, vos cantés* (presente de subjuntivo), *tú eres, vos sos* (presente de indicativo).

e Listo (2006), os pronomes pessoais de segunda pessoa são *tú, usted, vosotros* e *ustedes*. O pronome *vos* não é mencionado em nenhum desses livros.

Em geral, o livro didático apresenta a variante *standard* do lugar onde é produzido, e a maioria dos materiais é produzida na Espanha, lugar onde *vosotros* é muito usado, e *vos* não. Isso pode explicar a predominância da variante padrão europeia sobre a americana na aula de espanhol no Brasil, grande importador de livros. Porém, no caso do aprendiz de espanhol brasileiro, talvez apenas uma variante não seja suficiente para atender a suas necessidades com esse idioma, em nível fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático. Para o professor, pensar em maneiras de dar uma aula que abarque variações em todos os níveis da língua parece difícil e assustador. Isso resulta em uma simplificação das variantes, em muitos casos, como variante formal e informal, culta ou inculta, certa ou errada, ou simplesmente na adoção de apenas uma, como a mais importante entre todas.

Vamos pensar novamente em concepções de linguagem porque, afinal, só podemos definir que dialeto do espanhol ensinar para o aluno brasileiro (ou se temos realmente que definir um para ensinar) se temos bem clara na fundamentação de nossas práticas as concepções de língua do professor e do aluno. De acordo com Trudgill (1974), “language is not simply a means of communicating information – about the weather or any other subject. It is also a very important means of establishing and maintaining relationships with other people” (Trudgill, 1974, p. 13). Então, para manter algum tipo de relação com outras pessoas não basta saber um código linguístico, pois a linguagem é muito mais que isso. É preciso conhecer o outro, conhecer sua cultura, da qual sua língua faz parte, para que a interação aconteça. Podem-se obter essas informações por pistas visuais ou linguísticas que observamos no nosso interlocutor, que só podem ser alcançadas se já temos algum conhecimento prévio de suas características. Por exemplo, se encontro uma pessoa que fala espanhol e vosea, sei que é latino-americana, porque esse é um “fenômeno próprio de grandes zonas de Hispanoamérica” (GONZÁLES HERMOSO, 1999, p. 227) e também porque En algunos países (Argentina, Uruguay, Paraguay, Centroamérica, a excepción de Panamá), el voseo es la norma general; en

otros países o áreas donde el voseo coexiste con el tuteo, generalmente, a nivel popular, tiene menos prestigio que este último (Chile; en Colombia: Antioquia, Valle del Cauca; ciertas zonas de Bolivia). (Haensch, 2001, p. 72)

Com essas informações prévias, embora não sejam exatas, o falante já tem mais facilidade para iniciar um diálogo com o seu interlocutor que se não soubesse absolutamente nada sobre ele. Então, é fundamental que o professor de espanhol trate da variação em sala de aula, pois se o aluno quer aprender a língua para se comunicar, deve saber fazê-lo com qualquer falante de espanhol seja qual for a variante que use. E se não puder aprender as características dessa variante, que esteja aberto a aceitar as diferenças linguísticas da língua e ampliar seu horizonte de expectativa, evitando atitudes do tipo “ele não fala o bom espanhol, não serve para conversar comigo” ou “a língua que ele fala não é espanhol, ele não sabe falar” quando encontra alguém que não compartilha de seu dialeto.

Pensando em minhas experiências, tanto como docente quanto como aluna, vivenciei os dois casos. Já tive aulas em que as variantes eram apresentadas para que o aluno tivesse a liberdade de conhecê-las e escolher usar a que mais se adequasse aos seus objetivos e já tive aulas em que o tema da variação linguística nunca foi mencionado, a única variante presente em aula era a usada pelo professor (isso aconteceu tanto com o espanhol americano quanto com o espanhol europeu, pensando-os como grandes grupos). Também já vi pessoas nascidas em um país hispano-falante serem rechaçadas em avaliações de espanhol por usarem o voseo e, portanto, segundo a justificativa que receberam, falarem um dialeto regional, não espanhol. Como estagiária, já recebi a orientação de excluir *vosotros* das atividades, por não ser usado no continente americano, que é o que está mais próximo geograficamente dos alunos. Sobre o voseo pouco falei em meu estágio, porque nunca o adotei em minha fala e porque, para mim, se *vosotros* não deveria ser ensinado por ser usado em uma região muito pequena, o mesmo deveria valer para *vos*. Os pronomes pessoais de segunda pessoa que eu apresentava aos meus alunos eram *tú*, *usted*, *ustedes*, que uso em minha variante, que é a padrão de alguns países latino-americanos. *Vos* e *vosotros* não tinham lugar, talvez em raros momentos como

curiosidades para os alunos, ou respondendo a perguntas que surgiam do contato deles com mostras de língua em variantes que não eram a minha (a variação entrava em minha aula e eu logo tentava excluí-la). Os pronomes que viam na aula eram reconhecidos em todos os dialetos, mesmo aqueles em que outros pronomes pessoais figuravam e predominavam, então, para mim, nunca teriam problemas nesse sentido. Era um tipo de “solução” encontrada por mim para resolver o problema da variação linguística na sala de aula que, com o objetivo de ampliar as possibilidades de comunicação do aluno, acabava limitando-as.

Diante de tanta divergência sobre o uso dos pronomes pessoais de segunda pessoa e as variações que sofrem, é natural que o professor sinta dificuldade no momento de inseri-los na aula de língua. Falar sobre todos? Selecionar alguns segundo critérios estabelecidos pelo professor? O que fazer? Hoje acredito que a melhor opção seja tratar de todos em igualdade, afinal todos são pronomes pessoais da língua espanhola, usados por hispano-falantes de distintas regiões. Porém, me parece inevitável que uma variante sempre predomine na aula, a começar pela fala do professor, que provavelmente não usará a cada dia um dialeto diferente para ministrar a aula. A variante usada pelo professor acaba destacando-se entre as outras, possivelmente influenciando o aluno a usá-la e a desenvolver sua competência comunicativa mais produtivamente naquela variante. Sempre usei a variante padrão latino-americana sem voseo (não sei explicar hoje com precisão porque fiz essa escolha, mas era a variante usada por minha primeira professora de espanhol), porém aprendi outras variantes, tenho condições de compreendê-las.

A postura do professor com relação ao dialeto que fala deve ser muito cuidadosa. Ele deve conhecer bem a variante que fala e ser fiel a ela. Isso não o impede de também conhecer outras e reconhecê-las. Se usa uma variante latino-americana, por exemplo, não usará *vosotros* em nenhum momento, já que “en el actual español americano vosotros y las otras formas pronominales o verbales relacionadas, plenamente vigentes en la mayor parte del español europeo, no se emplean sino ocasionalmente y por razones estilísticas” (DE ALBA, 2011, p. 38). No entanto, é importante que, na aula de espanhol, o aluno tenha contato com

esse pronome junto aos outros, que saiba quando um verbo está conjugado em *vosotros* caso tenha contato com as variantes nas quais é usado. Compartilho da opinião de Márquez (2000), quando diz que:

Radicalizarse en una de las dos opciones [europea y americana] llevaba desafortunadamente a situaciones extremas en las que a veces se escuchaba al profesor, en una clase de español para extranjeros, decirles a sus alumnos que no se dice “papas” sino *patatas*, o “corregirlos” en su pronunciación si seseaban, pues su profesor anterior había sido un latinoamericano. (Márquez, 2000, p. 311)

Embora o autor fale de um contexto diferente, o de ensino de espanhol para estrangeiros dentro de um país hispano-falante, creio que a situação é semelhante à do ensino de espanhol para brasileiros. Em geral, é escolhida uma variante dominante na sala de aula, e tudo o que foge àquela variante é corrigido como se fosse um erro, mesmo que o discurso do professor seja de que o aluno pode escolher comunicar-se na variante com a qual se identifica mais.

O argumento da proximidade geográfica com os países hispano-falantes para ensinar na aula de espanhol somente o *standard* latino-americano pode até ser válido, porém não justifica a exclusão da variante *standard* europeia (reiteramos que nos referimos às variantes padrão porque estamos falando de um contexto de ensino da língua em instituições formais de ensino). Mesmo o aluno brasileiro, próximo à América-latina, pode visitar a Espanha sem nunca ter ido à Argentina. Pode assistir a vídeos, filmes, documentários na internet nos quais sejam falados dialetos europeus. Também pode fazer pesquisas em sites e leituras em espanhol nesses dialetos. Como professor, tenho direito de limitar o acesso a mostras de língua por querer evitar algumas variantes? Acredito que não. A aula de espanhol deve ser heterogênea, multicultural, aberta, para formar usuários da língua que sejam múltiplos e possam comunicar-se com qualquer pessoa, em qualquer lugar. É isso que espero do meu aluno, que ele tenha a capacidade de conhecer e comunicar-se de forma coerente, sem importar o número de dialetos que encontre em sua trajetória. Ainda que seja quase



impossível conhecer todos em sua totalidade ou saber falar todos os dialetos, abordar a variação linguística na sala de aula, ampliar o conhecimento do aluno sobre ela, é um caminho, uma porta aberta, já que uma das competências que o aluno deve desenvolver para ser proficiente em um idioma é a competência sociolinguística. A forma como o professor aborda essa questão em aula é determinante para isso.

E que forma é essa? Não existe uma metodologia pronta para o ensino da variação linguística. Primeiramente, poderíamos refletir se é possível “ensinar” variação linguística. Acredito que seja primeiramente uma questão de conscientização e reflexão sobre a língua dentro da aula de espanhol. Mas, afinal, o que seria ensinar variação? Mostrar ao aluno diferentes formas de usar a língua em diferentes lugares? A variação linguística não se limita a somente isso, porque mesmo que o professor quisesse ensinar dialetos do espanhol aos alunos, para isso precisaria selecionar dialetos (com que critérios?) e excluir outros. Além disso, segundo Trudgill (1974), não é clara a ruptura linguística entre um dialeto e outro, seja padrão ou não-padrão, o que torna mais difíceis essas escolhas. Então, estamos de acordo com Márquez (2000) quando diz que:

Para que el estudiante pueda tener una competencia comunicativa que le permita funcionar lingüísticamente entre las diversas variantes del castellano, es necesario proporcionarle la oportunidad de “adquirir” y “aprender” las variaciones que impidan la comunicación. (Márquez, 2000, p. 314)

No caso dos pronomes pessoais de segunda pessoa, a questão é um pouco mais simples, já que o número de pronomes não é tão elevado como, por exemplo, de variações lexicais e semânticas, e eles são muito importantes para a comunicação, pois afetam outros aspectos linguísticos também. Temos, então, os seguintes pronomes pessoais em espanhol:

---

	<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>1ª pessoa</i>	Yo	Nosotros
<i>2ª pessoa</i>	Tú Vos Usted	Ustedes Vosotros
<i>3ª pessoa</i>	Él/ Ella	Ellos/ ellas

*Tabela 1: pronomes pessoais em espanhol*

O aluno de espanhol tem condições de conhecer todos os pronomes, embora use apenas aqueles do dialeto que adotou. Também tem condições de saber que os pronomes de segunda pessoa são ou não usados de forma diferente em distintas regiões, e que conhecer o funcionamento de *vos* e *vosotros* é importante, embora ambos sejam usados em um número pequeno de regiões, porque em suas experiências comunicativas pode deparar-se com todos os pronomes. Por isso, o professor pode falar de todos os pronomes pessoais de segunda pessoa de forma igualitária, não como sendo alguns melhores que outros, ou alguns mais importantes de serem aprendidos que outros. Cabe ao docente pesquisar, informar-se, sobre o uso desses pronomes, sobre quais são usados formalmente ou informalmente, em quais regiões, e levar essas informações para a sala de aula. O mesmo vale para os pronomes complemento e para os pronomes possessivos, afetados de acordo com o pronome pessoal que se use.

Quanto à conjugação verbal, que é modificada pelo uso dos pronomes *e*, no caso de *vos*, apenas em alguns tempos e modos verbais<sup>7</sup>, também não há nenhum mistério em abordá-la integralmente na aula de língua. Observemos a conjugação do verbo *comprender* no tempo presente do modo indicativo e no modo imperativo:

---

<sup>7</sup> A conjugação verbal em *vos* corresponde à 2ª pessoa do plural modificada, e ocorre apenas no presente do indicativo, no modo imperativo e no presente do subjuntivo. Nos outros tempos e modos a conjugação é igual a de *tú*.

	<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>1ª pessoa</i>	Comprendo (yo)	Comprendemos (nosotros)
<i>2ª pessoa</i>	Comprendes (tú) Comprendés (vos) Comprende (Usted)	Comprenden (ustedes) Comprendéis (vosotros)
<i>3ª pessoa</i>	Comprende (Él/ Ella)	Comprenden (ellos/ ellas)

Tabela 2: Conjugação do verbo *comprender* no presente do indicativo

	<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>1ª pessoa</i>	-	Comprendamos (nosotros)
<i>2ª pessoa</i>	Comprende (tú) Comprendé (vos) Comprenda (usted)	Comprended (vosotros) Comprendan (ustedes)
<i>3ª pessoa</i>	Comprenda (él/ Ella)	Comprendan (ellos/ ellas)

Tabela 3: Conjugação do verbo *comprender* no modo imperativo

Da mesma forma, poderíamos conjugar qualquer outro verbo em outros tempos e modos verbais, em todas as pessoas, sem prejuízo nenhum para o aluno nem para o professor. Se ele não usará alguma das formas verbais no dialeto que escolheu, não perde nada em conhecê-la, já que nada o impede de encontrar mostras de língua nas quais o pronome seja usado. Se usa o dialeto padrão de Madrid, pode aprender *vos* para comunicar-se com hispano-americanos de algumas regiões. Se o aluno opta por usar um dialeto padrão Argentino, pode aprender *vosotros* para comunicar-se com espanhóis. Não há necessidade de excluir nenhuma das formas, ou sobrepor uma à outra na aula de espanhol no Brasil porque, como já discutimos acima, embora o aluno possa ter contato mais frequente com alguns dialetos, também pode tê-lo com outros, ainda que com menos frequência.

Quanto aos textos, vídeos ou qualquer outro gênero discursivo que o professor leve para a aula, o que fazer? Creio que não seja o caso de o professor também selecionar aqueles nos quais seja usada a sua variante e ignorar todas as outras manifestações linguísticas que fazem parte do grande grupo de dialetos da língua espanhola, e isso vale tanto para o espanhol europeu quanto para o espanhol americano, em suas várias formas. Para que a aula seja um lugar multicultural, de reflexão linguística e de respeito às diferenças, deve ser um espaço onde circulem gêneros de todos os lugares e de todos os dialetos. Isso não impedirá o professor de continuar usando sua variante de forma coerente, nem os alunos, apenas enriquecerá a gama de conhecimentos linguísticos e culturais de ambos. Em uma aula, por exemplo, pode-se levar uma notícia de um jornal espanhol sobre um fato e outra de um jornal mexicano, sobre o mesmo fato. A exploração que poderia ser feita desses textos, se bem conduzida pelo professor, é de múltiplas possibilidades. Seria uma oportunidade de, além de perceber que as diferenças linguísticas não impedem que as notícias sejam veiculadas, compreendidas e que a comunicação se estabeleça, de conseguir “la realización del objetivo principal del aprendizaje de una lengua extranjera: ser competente en ella, es decir poder comunicarse em forma correcta, acertada y efectiva cuando se entra en contacto con los diversos registros de la misma” (Márquez, 2000, p. 313). Além disso, a diferença cultural entre ambos os lugares afeta diretamente a forma como cada jornal fala sobre um fato e, para o aluno que pretende usar a língua em distintos contextos, discussões dessa natureza são fundamentais.

Repenso agora minhas experiências e práticas passadas, já discutidas anteriormente, e percebo minhas falhas no momento de escolher uma variante do espanhol para ensinar. Acredito que tenho mais esclarecida a questão da variação linguística em espanhol e já tenho colocado em prática as sugestões que dei ao longo deste ensaio para o ensino dos pronomes pessoais de segunda pessoa. Abordar a variação linguística e levar para a sala de aula essas variantes, com as quais qualquer usuário da língua pode deparar-se ao longo de sua vida, enriquece minha experiência como usuária da língua e como professora, assim como aprimora o desenvolvimento da competência comunicativa dos meus alunos.

Não é difícil falar de variação, mais especificamente no caso dos pronomes pessoais. Estudo, pesquisa e boa vontade do professor são suficientes. Pensar que pode confundir o aluno com tantas possibilidades é uma ideia reducionista demais e menospreza a capacidade intelectual do aluno de saber que se trata de possibilidades e que todas são válidas de acordo com o contexto em que se comunique. Do mesmo modo, dizer que não é necessário ensinar um dialeto porque é usado em um número reduzido de regiões, que é perda de tempo ou que é inútil, também é uma atitude reducionista e, além disso, preconceituosa.

Como professora, não tenho o direito de corrigir o aluno se ele utiliza o voseo. Também não posso dizer ao meu aluno que não use *vosotros* porque não é utilizado na América, se nem sei que objetivos ele tem ao querer aprender a língua. A aula de espanhol é o lugar onde a língua deve estar presente em sua totalidade. Meu aluno tem o direito de aprender e conhecer o espanhol integralmente, com os dialetos e variações característicos de uma língua tão plural e falada em tantos lugares. Cabe a mim primeiramente, como professora, reconhecer que a língua possui variações, conhecer essas variações e saber que nenhuma é melhor que outra, para que o meu aluno também viva essa experiência da língua viva.

Linguistic variation in the Spanish class:

¿comprendés vos? ¿comprendéis vosotros?

**Abstract:** *This article discusses the importance of respecting and addressing the linguistic variation in Spanish class in Brazil. The emphasis will be second person pronouns you, tú and vosotros, which have a different use in regions where the language is spoken and directly interferes with the relationship between speaker and listener. Also deal about how these pronouns can be inserted in the classroom classroom without one overlaps the other and without harm to the student.*

**Keywords:** *linguistic variation, pronouns, Spanish.*

**Referências**

CONCEIÇÃO PINTO, Carlos Felipe da. **Una visión general de las fórmulas de tratamiento en español.** In: Revista Letras & Letras, Universidade Federal de Uberlândia, MG, v. 23, n. 2, 2007. Disponível em: <[www.letraseletras.ileel.ufu.br](http://www.letraseletras.ileel.ufu.br)> Acesso em: 15 out. 2010.

DE ALBA, José G. Moreno. **Sobre la eliminación del pronombre vosotros en el español americano.** Cuadernos de la ALFAL, nº 2, 2011, p. 25 – 39.

GONZÁLES HERMOSO, Alfredo. **Conjugar es facil en español de España y de América.** Madrid: Edelsa, 1999.

HAENSCH, Günther. **Español de España y Español de América.** Panacea. Vol. 2, n. 6, dezembro, 2001.

INSTITUTO CERVANTES. **El español: una lengua viva.** Informe 2012. Disponível em: <[http://cvc.cervantes.es/lengua/anuario/anuario\\_12/i\\_cervantes/p01.htm](http://cvc.cervantes.es/lengua/anuario/anuario_12/i_cervantes/p01.htm)>. Acesso em: 25 de abril de 2014.

MÁRQUEZ, Óscar A. Flórez. **¿Qué español enseñar? o ¿Cómo y cuándo “enseñar” los diversos registros o hablas del castellano?** In. ASELE. Actas XI. Zaragoza: Centro Virtual Cervantes, Universidad de Zaragoza, 2000, p. 311 – 316.

SÁNCHEZ, Aquilino. **La enseñanza de español en los últimos cien años: métodos y enfoques.** Madrid: SGEL, 2009.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics: an introduction.** England: Penguin Books, 1974. p. 13-33.